

O reverendo bispo de Macau. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho.

Nem só a provincia das armas tem generaes e soldados; tem-nos a das letras, conta-os a diplomacia, a industria, o commercio, a magistratura, a administração e o sacerdocio, que em seu excepcional ministerio resume compendiadas as lidas, os cuidados, a reserva, a applicação e os encargos de cada um d'esses ramos da humana sollicitude, quando a missão é comprehendida pela intelligencia, abraçada pelo coração, e traduzida em obras no campo da pratica pelos soldados e generaes da egreja christã.

Desde a estola do simples cura d'almas ao baculo episcopal, que é o bastão de generalissimo na milicia ecclesiastica, váe-se graduando uma serie de responsabilidades, crescendo na razão directa da elevação na ordem hierarchica.

Feliz d'aquelle que, tendo percorrido todos os parceis d'esta navegação perigosa, póde repousar no seio da consciencia, e olhar desassombrado para o espelho das proprias acções.

O homem bom, de quem vamos consignar para aqui meros apontamentos biographicos, como os que se empenham de boa fé no serviço de Deus e do proximo, não relevaria á penna indiscreta que inventariasse os sacrificios com que tem pago espontaneamente ao paiz e á humanidade o tributo que nem todos sabem solver.

O foro intimo é sanctuario que não se perfuma de alheios incensos. A luz que o alegra vem de cima, e reflecte-se para fóra em praticas de virtude, que são luz e calor ao mesmo tempo.

Deixe-se á historia intacto o seu privilegio de julgar e premiar os que foram; mas não se arroguem paginas contemporaneas e fugitivas o direito, que não tem, de perturbar com louvores a tranquillidade modesta dos que vivem.

Como apontamentos, pois, seja tomada a breve noticia que escrevemos para os que de perto não logram conhecer o reverendo prelado.

Nasceu D. Jeronimo José da Matta no logar da Arnoia, concelho da Certã, na Beira-Baixa, aos 18 de dezembro de 1804. É terceiro filho do bacharel formado em direito, Joaquim José da Matta, e de D. Maria do Carmo e Matta, honrados proprietarios e lavradores. Educado em seus primeiros annos com o leite dos bons exemplos, sob o tecto respeitado de familia que herdára a estimação como que tradicional dos visinhos, foi dos 18 para os 20 admittido no real seminario de Sernache do Bomjardim, dirigido então pelos padres da congregação de Rilhafolles. Com aquelles doutos ecclesiasticos seguiu os estudos primarios e secundarios, continuando alli as disciplinas theologicas.

Em 1825, annuindo com alvoroço ao convite do superior da mesma congregação, partiu para Macau, tendo apenas tonsura e ordens menores. Foram seus companheiros em peregrinação tão longa o padre José Joaquim de Miranda, fallecido ha annos em Nankim, e D. João da França Castro e Moura, então minorista, e hoje bispo eleito de Pekim. Chegado a Macau, e estabelecido com seus dois companheiros no real collegio de S. José, que superintendia as missões da China, ([1]) alli concluiu os estudos, e continuou a sua ordenação, recebendo a ordem de subdiacono em 1827, a qual lhe foi conferida pelo bispo d'aquella diocese, D. frei Francisco de Nossa Senhora da Luz Chacim. Fallecendo este prelado pouco depois, teve D. Jeronimo de ir em 1829 com o seu amigo e inseparavel companheiro, Castro e Moura, receber em Manilla, no archipelago das Filippinas, as restantes ordens de diacono e presbytero, conferidas pelo bispo de Illocos (uma das provincias d'aquellas ilhas), o qual n'essa occasião viera á capital d'ellas para uma sagração episcopal e outros actos proprios do seu ministerio.

De Manilla regressou o novo presbytero a Macau, e celebrou a sua primeira missa no referido collegio de S. José, em principios de 1830. Alli residiu, applicando-se particularmente ao estudo da mathematica e da astronomia, como habilitações para a missão publica de Pekim, a que se destinava.

Não se realisou então o seu intento, assás louvavel, se considerarmos que projectava augmentar o credito nacional junto á corte do celeste imperio, e conseguir alli decididas vantagens para o paiz em relação ao nosso estabelecimento na China; por quanto n'esse tempo o governo imperial deixou de chamar e admittir missionarios europeus para os empregos que d'antes lhes conferia no *tribunal das mathematicas*, circunstancia que talvez muito concorreu

(1) Da excellente e muito instructiva obra do meu amigo o sr. C. J. Caldeira, *Apontamentos d'uma viagem de Lisboa á China*, publicada em 1852, me permitti extrahir a seguinte noticia do collegio de S. José das Missões, em Macau.

«O edificio é vasto; tem uma boa egreja contigua; está mui bem situado n'uma pequena eminencia no centro da cidade, e na bonita e extensa horta adjunta existe a arvore mais corpulenta que eu tenho visto; seis homens não lhe abraçam o tronco; não é alta, lança os ramos horisontaes, formando um docel circular de constante verdura, debaixo do qual se goza excellente vista sobre o porto de Macau.

«Este collegio foi fundado pelos jesuitas, e muito floresceu; mas logo decaiu quando foram expulsos em 1762. Passados annos, em 1784, foi annexado á congregação das missões, e em 1800 foram-lhe estabelecidos subsidios a cargo do senado.

«Tem sido de grande utilidade para Macáu, independente mesmo dos fins religiosos do seu instituto, que eram educar padres portuguezes e chinas para as missões do imperio. Por muitos annos teve muito boas escholas e mestres, e alli recebiam uma perfeita educação moral e civil os filhos de Macau; ainda hoje as pessoas de mais regular instrucção, moradores na cidade, são as que estudaram no collegio, onde havia estudos especiaes para a lingua chineza, e onde se formaram habeis interpretes, tão necessarios para o serviço da colonia.

«Um dos mestres da lingua synica foi o illustre philologo padre Gonçalves, que compoz numerosas obras luso-chinezas, tidas em grande appreço entre os estrangeiros, e ainda hoje as mais completas n'este genero; mas bem pouco lembradas em Portugal.

«Existem no collegio os manuscriptos do bispo de Pekim, D. Joaquim Saraiva, alli fallecido em 1818, que contém valiosos elementos para a historia de Macau e das missões na China, colligidos sobre antigos escriptos e documentos que o tempo e os vermes já destruiram; é bem de receiar é que esta apreciavel collecção tenha em breve o mesmo destino, se o governo não ordenar que seja quanto antes recolhida para a Torre do Tombo em Portugal.

«Infelizmente este collegio das missões está em grande decadencia, e provavel é que se extinga pela morte do seu actual superior, o digno padre Joaquim José Leite, varão respeitavel em virtudes e edade de noventa annos.

«São varias as causas da decadencia do collegio; mas a principal são os erros do nosso governo em ter envolvido na abolição geral dos conventos a antiga congregação das missões de Rilhafolles, que não tinha o caracter de ordem monastica, e era o unico viveiro para os nossos dominios ultramarinos. Faltaram, pois, ao collegio as entradas regulares de padres europeus, já preparados com a educação especial para as missões, e unicos com os quaes se podem conservar taes estabelecimentos; não houve mais quem substituisse os padres velhos que iam faltando, nem quem occupasse convenientemente as diversas cadeiras de ensino.

«Hoje (1851) existem só no collegio o referido padre Leite, o bispo eleito de Nankim D. José Joaquim Pereira de Miranda, e dois padres vindos do reino em 1849, preparados no seminario do Bombarral, aliás muito dignos pela sua piedade e exemplar conducta; porém não habilitados para as necessidades da instrucção no collegio. Os collegiaes andam por 12 a 14 entre timores, chinas e filhos de Macau, que se dedicam ao estudo ecclesiastico.»

para abbreviar os dias do respeitavel missionario portuguez, o padre José Nunes Ribeiro, que, na qualidade de vigario geral, governou por muitos annos aquella diocese. Esse missionario, cujo nome ainda hoje é repetido com veneração por toda a Asia portugueza, era tio do reverendo bispo de Macau.

Mallogrado o destino que se propuzera, permaneceu por alguns annos no collegio de S. José, onde ensinou, além de varias disciplinas, os principios da sciencia que lhe merecia maior predilecção.

Em janeiro de 1837, já extincta a congregação de Rilhafolles, regressou ao reino com trabalhosa viagem de quasi um anno, tendo estado tres mezes, por arribada forçada, na ilha de Java, e outros tres mezes, por escala, em França, onde residiu a maior parte do tempo na casa da congregação das missões, ou dos lazaristas. Em dezembro do mesmo anno de 1837 chegou finalmente ao desejado termo da sua viagem, que era o pequeno logar de Arnoia, onde permanecia a sua respeitavel familia, que acabava de soffrer a perda do seu chefe, golpe este que foi sentido profundamente pelo filho extremoso, que em tão longinquas regiões esperára em vão seis longos annos por noticias dos seus. Os mais delicados sentimentos do amor da familia dão ao caracter do reverendo prelado a sua primeira e como que predominante feição. Facil é, pois, de avaliar a magoa que de improviso o despedaçou.

Determinára-o a vir á Europa o empenho de sollicitar do governo as providencias que reclamava o desamparo em que jaziam as nossas missões da China, e principalmente o restabelecimento de um seminario, onde se formassem os individuos proprios para as missões do ultramar, e em especial no imperio chinez, pelas quaes sempre testimunhou particular interesse.

Com este intuito publicou em 1839 uma memoria offerecida ao corpo legislativo ([1]) sobre a necessidade de attender-se aos importantes interesses que tinhamos nas relações religiosas e politicas da China, compromettidas pela indolencia do governo. Se então se houveram aproveitado as observações contidas n'aquelle curioso trabalho, não se teriam talvez perdido os dois bispados de Pekim e Nankim, nem seriam tantas as difficuldades e desares que posteriormente nos tem originado as deploraveis questões do padroado real.

Foi, em parte, por sua indicação, que em 1841, sendo ministro da marinha o conselheiro José Ferreira Pestana, foram nomeados D. Nicoláo Rodrigues Pereira de Borja para bispo de Macau, e D. João da França Castro e Moura, de quem já fallámos, para a diocese de Pekim.

Com os serviços prestados, e conhecimentos que revelava, bem podéra D. Jeronimo José da Matta fazer-se insinuar para o bispado de Macau; mas bem longe de aproveitar para o proprio engrandecimento o favoravel das circunstancias, foi só por condescender com as instancias repetidas do conselheiro J. J. Falcão, ministro do ultramar, que em 1843 acceitou a nomeação de bispo coadjutor e futuro successor do bispado d'aquella diocese, nomeação que foi determinada pelas noticias do máo estado de saude do referido prelado.

Apenas nomeado, partiu para Macau, aonde chegou em maio de 1844. Em abril de 1845 substituiu o bispo D. Nicoláo, achando-se, antes do fallecimento d'este, já confirmado pela santa sé com o titulo de bispo de Altobosco. Foi sagrado em dezembro de 1846 pelo bispo hespanhol de Cebú (nas ilhas Filippinas) D. Romualdo Ximeno, que do interior da China passou por Macau n'aquelle tempo, regressando ao seu bispado.

(1) *Memoria offerecida aos senhores deputados da nação portugueza.*

Começou então a vida publica do virtuoso prelado. Tratou logo de activar e concluir a reedificação da cathedral de Macau, que o seu antecessor deixára apenas nos fundamentos, trabalho que terminou em principios de 1850, sendo por elle solemnemente sagrada em fevereiro do mesmo anno. É um templo assás vasto, de bella apparencia, appropriado a todos os fins do seu destino, e que tem communicação com o palacio episcopal. Este edificio, tambem por diligencias suas, foi consideravelmente melhorado, offerecendo hoje commoda e decente habitação.

Edificações d'estas são tanto menos para se descuidarem, quanto mais se avisinham de idólatras, que, habituados a prestarem aos olhos a fé que lhes falta no coração, mais propensos estão sempre a deprimirem o que exteriormente se lhes afigura mais humilde. Nas christandades da Asia carece por ventura o culto de mais esplendores e prestigio.

A educação do sexo feminino, complemento de todas as idéas generosas d'este seculo, mereceu-lhe particular desvelo, ampliando, quanto o permittiam as circunstancias, o já existente recolhimento de Santa Rosa de Lima.

Na eminencia do novo encargo não se esqueceu de tributar á illustração do clero aquelle zelo que mais de uma vez lhe tinha merecido, reiterando, durante a sua administração, energicas reclamações ao governo da metropoli, a fim de se realisarem providencias que julgava indispensaveis para fazer surgir da decadencia, em que se achava, o real collegio de S. José.

Infelizmente pouca attenção tem prestado a estes assumptos os differentes ministerios que tem presidido á administração do paiz, apesar da sua reconhecida importancia, tanto em relação a Macau e ás missões da China, como para todas as do real padroado. O reverendo bispo sempre n'esta questão pugnou pelos direitos nacionaes com zelo e firmeza, sustentando activa correspondencia com a curia romana e com os proprios summos pontifices Gregorio XVI e Pio IX, que não se dedignaram de com elle se corresponderem directamente.

Desajudado dos governos de Portugal, pouco mais tirou d'estas luctas com a congregação da propaganda, que difficuldades e graves desgostos, que por fim chegaram a causar-lhe padecimentos physicos.

É sabida a crise que produziu em Macau o barbaro assassinato do governador Amaral; os serviços n'aquella melindrosa situação prestados pelo conselho do governo, presidido pelo conspicuo prelado, não são tambem para serem esquecidos dos que prezam o bom nome d'este paiz. (1)

Instado pelos povos catholicos da India, sujeitos ao padroado portuguez, e tendo recebido instrucções do governo para percorrer algumas missões do arcebispado de Goa, para alli se dirigiu no governo de 1852. Na viagem fez escala por Ceylão e Bombaim, onde a sua presença produziu grande alegria e alvoroço. Áquellas christandades prestou todos os soccorros espirituaes que dependiam do seu ministerio, auctorisado, como se achava, pelos respectivos governadores episcopaes.

O mesmo succedeu no estado de Goa, onde conferiu ordens a grande numero de individuos que para esse fim lhe foram apresentados pelo vigario capitular d'aquelle arcebispado, o bispo eleito de Cochim. Tanto na capital, como em varias parochias das provinctos, administrou o sacramento da confirmação a milhares de fieis.

As qualidades que distinguem o illustre prelado e a amenidade affavel do seu trato por tal fórma captivaram a affeição dos povos da India, que algumas camaras municipaes e numerosos cidadãos dirigiram por essa occasião representações ao governo de Portugal, mostrando quanto desejavam que elle fosse escolhido para arcebispo de Goa, não obstante as repetidas e mui sinceras declarações que a todos fazia, de que não desejava nem acceitaria similhante encargo.

A brilhante recepção que ao nosso prelado fizeram as mencionadas christandades, e a dedicação que manifestaram pelo padroado portuguez, muito desagradaram á congregação da propaganda, dando pretexto, a final, á expedição do breve *Probe nostris* de 10 de fevereiro de 1853. A imprensa de Portugal muito se occupou d'aquelle singular documento, conhecido então pelo nome de *putidum breve*.

N'elle se censurava o proceder do bispo de Macau, que era admoestado, ou antes ameaçado de excommunhão, o que deu causa a algumas importantes e acaloradas discussões nas camaras legilativas de Portugal, sendo, a final, o digno prelado declarado na casa electiva «benemerito da patria» na sessão de 20 de junho de 1853.

Muito, porém, soffreu o catholico e piedoso coração do bispo de Macau, vendo tão inexactamente interpretadas em Roma as suas intenções, que eram apenas satisfazer, quanto n'elle legitimamente cabia, ás necessidades espirituaes pertencentes ao padroado portuguez e nunca o desacatar a auctoridade pontificia, á qual sempre tributára todo o respeito e obediencia.

Deram irrecusavel testimunho d'estes sentimentos as cartas que logo depois, tanto de Goa como de Macau, dirigiu ao santo padre. Estas desagradaveis occurrencias abbreviaram a sua estada em Goa, e lhe fizeram mudar a intenção com que saíra de Macau, de vir ao reino tratar da sua deteriorada saude, para o que tinha licença do governo, desde 1850.

Não usou d'esta concessão e regressou para Macau, onde tambem, sobre outras necessidades da sua egreja, tinha de providenciar á administração do collegio de S. José, cujo superior, o venerando e virtuoso ancião, o padre Joaquim José Leite, havia fallecido. (1)

Continuou a governar o seu bispado, gozando de grande estima e consideração, não só dos habitantes de Macau, como dos muitos estrangeiros illustres que alli aportavam ou residiam.

Consultado frequentemente pelo governo de Lisboa no longo decurso das negociações sobre o real padroado, muito serviu a sua correspondencia para guiar e esclarecer os diversos negociadores portuguezes que n'ellas intervieram.

As quatro alterações que, á concordata com a santa sé, foram votadas no parlamento portuguez, são conformes ás idéas apresentadas pelo bispo de Ma-

(1) Da supra citada obra do sr. Caldeira extrahimos as seguintes linhas, em que se acham compendiados os actos e procedimento do conselho em tão arriscada conjunctura:

«Manteve, quanto estava ao seu alcance, a dignidade da nação tão atrozmente offendida; conseguiu do vice-rei de Cantão, com ameaças bem calculadas, a entrega da cabeça e mão da illustre victima do odio chinez, e o castigo dos agentes d'este crime nefando, os infimos d'elles talvez apenas victimas expiatorias que a doblez dos chinas sacrificou ao justo resentimento dos portuguezes, e que foram justiçados em Cantão; dirigiu um manifesto ás nações européas representadas na China, digno e bem deduzido, que mereceu os louvores dos homens intelligentes e da imprensa ingleza na China; e conforme com o sensato pensamento politico que o guiava, e com as precarias circunstancias do estabelecimento, deixou livre ao governo da metropoli a decisão d'esta espinhosa questão, limitando-se o conselho do governo, depois d'aquelles actos, a manter a integridade da colonia, e uma posição de espectativa,

«Este procedimento foi justamente louvado na corte, e o digno presidente do conselho estendeu aos assumptos civis a reputação da sua alta capacidade.»

(1) Passando depois tambem d'esta para mais ditosa vida o bispo eleito de Nankim, successor do padre Leite na direcção do collegio de S. José das Missões, foi confiado o cargo de superior a um dos dois ecclesiasticos que de Portugal foram em 1849, o reverendo padre Gouvêa.

O prelado, quando ha poucos annos se organisaram os seminarios episcopaes no continente do reino, tratára immadietamente de converter o collegio de S. José em seminario diocesano. Mas apesar da boa vontade que lhe sobrava, como poderia resolver obstaculos irremediaveis sem o concurso do governo?

A maior de todas as mingoas é a de um corpo docente, e o seminario de Macau não o tem.

cau na opinião que deu por escripto ao actual ministro da marinha e ultramar sobre aquelle documento, como se achava discutido em cortes.

Pungido por padecimentos physicos, e especialmente pela nostalgia, cujo tratamento é todo moral e não se opéra a tão remota distancia da patria, resolveu passar ao reino.

Sua edosa e veneravel mãe, que nada mais ambicionava d'este mundo que ver e abraçar ao menos uma vez filho tão querido, lhe supplicava com amorosas instancias que abbreviasse a sua vinda. Quando tantas razões não conspirassem para o persuadir, venceria por fim o maternal affecto.

Satisfazendo-lhe os rogos, o filho extremoso obedeceu ao proprio coração, e hoje já está gozando no agreste, mas delicioso retiro da sua Arnoia, a felicidade domestica e o repouso do espirito que por algum tempo carecia.

LUIZ FILIPPE LEITE.

CATHEDRAL DE MACAU.

A velha cathedral de Macau, que existia no mesmo logar da nova que representa a estampa, era construida de taipa (terra com cal humedecida e batida), como a maior parte dos antigos edificios da cidade. Os estragos do tempo, e os furiosos vendavaes ou tufões que de vez em quando assolam aquellas paragens, a reduziram a tal estado de ruina, que o cabido pelos annos de 1835 ou 1836, achando-se a sé vaga, resolveu cessar a celebração dos officios divinos n'aquella egreja, e com auctorisação do governo, passou a servir de cathedral a egreja do convento de S. Domingos.

Este templo, posto tivesse melhores condições, por ser mais moderno, vasto, e construido de tijolo, estava mal situado para aquellas funcções, por causa da proximidade do basar chinez, onde sempre ha muita agitação e estrondo. Por isso começou a pensar-se no concerto da antiga cathedral, muito melhor situada, e contigua ao palacio episcopal. Tão reconhecida era a necessidade d'esta mudança, que a curia romana, quando expediu as bullas de confirmação do bispo de Macau, D. Nicoláo Rodrigues Pereira de Borja, em 1843, recommendou particularmente este assumpto ao zelo d'aquelle prelado. Este não descurou d'elle, conseguindo, por suas representações, que fosse expedida pela secretaria da marinha e ultramar, em 26 de fevereiro de 1844, uma portaria auctorisando o mesmo prelado para fazer na antiga sé, de accordo com o governador da colonia, os reparos e concertos que se julgasse necessarios.

Feito o competente exame ao velho edificio, achou-se que não admittia concertos, e resolveu-se a completa reedificação. Promoveu-se subscripção entre os habitantes, que produziu de seis a sete mil patacas (seis a sete contos de reis), e deu-se começo á obra em dezembro do mesmo anno de 1844, sob melhor fórma e nova orientação.

A antiga sé tinha o frontispicio para oeste, e estava como apertada entre as casas proximas e o palacio episcopal, que ficava a um canto, e encoberto em grande parte pela mesma sé. A nova egreja tem a frente para o norte, ficando a frontaria do palacio desembaraçada e mais vistosa, como mostra a estampa.

A este tempo já o actual bispo de Macau. D. Jeronimo José da Matta, tinha chegado áquella cidade, na qualidade de bispo coadjutor e futuro successor do referido prelado D. Nicoláo, e já com suas idéas e diligencias concorreu para este novo plano mas ao seu antecessor é que cabe o merito de começar a executal-o pouco antes de fallecer em 21 de março de 1845.

A antiga egreja achava-se então quasi completamente demolida, lançados alguns dos novos alicerces, e feitos os ajustes de toda a obra com operarios chinezes. Foi n'este estado que o novo bispo, D. Jeronimo, tomou a direcção da obra, que teve a fortuna de fazer concluir nos principios de 1850, sagrando-a elle proprio em 14 de fevereiro d'esse anno, havendo por essa occasião sumptuosa festividade, em que toda a população christã de Macau tomou o mais vivo interesse; participando com o seu bispo as alegres commoções que este sentia por ver concluido um novo templo consagrado ao verdadeiro Deus, lá n'esse remoto imperio da China, tão entranhado ainda nas trevas do paganismo.

Muitas difficuldades houve a vencer para que a cathedral se concluisse em tão pouco tempo, principalmente por escacearem os meios pecuniarios; e talvez não estivera ainda hoje acabada, se não fôra o poder do credito, que largamente se exercita na China.

Um velho chim, chamado Ahon, especie de mestre ou emprezario de obras, ajustára a da reedificação da sé com o bispo D. Nicoláo; mas logo nos primeiros mezes do novo episcopado foi-lhe declarado pelo bispo D. Jeronimo, que era necessario suspender os trabalhos por falta de dinheiro, no que o honrado velho não consentiu, continuando-os sob a confiança que lhe merecia aquelle prelado, de que lhe pagaria logo que podesse. Dispendeu assim adiantadas para mais de 30:000 patacas ou 30 contos de réis que depois foi recebendo em prestações, devendo-se ainda algum pequeno resto aos herdeiros de Ahon, quando o actual bispo saiu ultimamente de Macau. O velho Ahon infelizmente morreu pagão; mas no leito da morte recommendava aos filhos que nas suas tribulações recorressem ao seu amigo bispo de Macau (que desde a mocidade bem o era tambem d'elle), e que em tudo seguissem seus conselhos.

Fallando de Ahon, é justo mencionar tambem outro chim, Francisco Volong, christão e rico negociante estabelecido em Macau, que, quando se concluiu a cathedral, offereceu ao bispo D. Jeronimo um jogo completo de paramentos brancos, de setim, bordados a ouro, para funcções episcopaes, que valeria para mais de mil patacas ou um conto de reis.

Francisco Volong é hoje subdito portuguez. Requereu e obteve carta de naturalisação, passada pela secretaria da marinha e ultramar, em setembro de 1856. Já depois outro chim, appellidado Ahon, tambem se naturalisou portuguez.

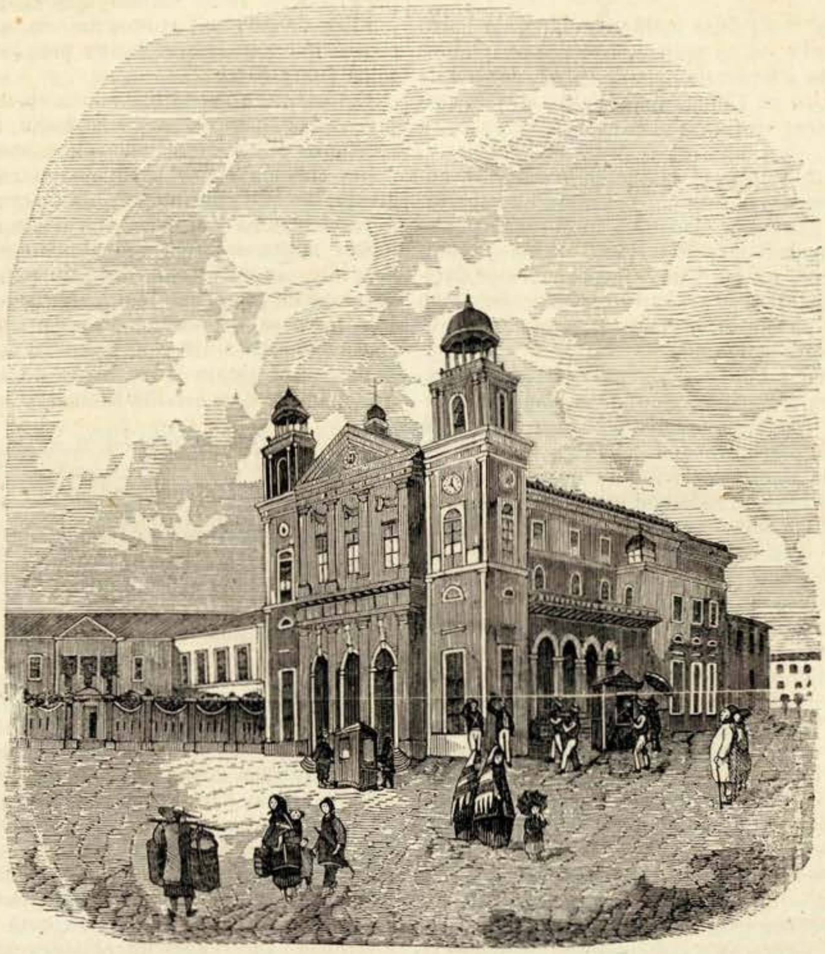
Julgâmos que são estes os primeiros actos de tal natureza, praticados por chins, e os mais insolitos e criminalmente inconcebiveis na opinião dos habitantes do celeste imperio. Renegar o seu paiz, e fazer-se estrangeiro ou barbaro (o que é synonymo quando os chins fallam dos outros povos), não tem castigo possivel na legislação chineza, que estabelece a pena de morte para quem apenas sáe fóra do imperio.

Mas, voltando a fallar da cathedral de Macau, cumpre saber, que em nada concorreu para a sua reedificação a fazenda publica da provincia, então em grandes apuros. Além da referida subscripção, applicaram-se áquelle fim alguns fundos proprios da sé, e quotisaram-se os cofres que alli ha sob a administração acclesiastica. Os reparos, porém, posteriormente feitos para a conservação do templo, tem sido á custa do governo.

A nova sé de Macau regula nas dimensões pela egreja de Nossa Senhora da Encarnação em Lisboa, e, como esta, é cheia de luz e alegre no interior. O primitivo plano foi feito por um architecto macaen-

se, chamado Thomaz d' Aquino; mas o proprio bispo D. Jeronimo lhe fez modificações. O travamento dos madeiros que sustem o telhado é digno de examinar-se, pela solidez e engenhosa disposição, e por não ter ligação alguma com o tecto interior do edificio. Entre este tecto e o telhado ha vasto espaço, por onde se anda á vontade em longas coxias, com muita luz e ar, como convem n'aquelles climas, para evitar os estragos da formiga branca; especie de caruncho ou verme roedor, que ataca as traves ou quaesquer grossas madeiras, succedendo por vezes cairem repentinamente os tectos e sobrados das casas, onde se introduz este damninho insecto. Propaga-se tão mysteriosa e terrivelmente, que, apesar de muito debil e pequeno, destroe ás vezes o edificio inteiro, tendo a sagacidade de fazer caminhos cobertos para se internar nas madeiras, cujo interior mina tão completamente, que apenas lhe deixa a superficie quasi delgada como papel. Contra tal flagello não se conhece outro remedio, senão a muita claridade e arejamento de todas as partes do edificio.

N'uma das torres da cathedral ha um relogio, que



Cathedral de Macau. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Flora.

se póde chamar monumental, porque commemora a elevação do senhor D. Pedro v ao throno dos seus maiores. Quando em Macau se festejou este fausto acontecimento, o bispo D. Jerónimo suscitou a lembrança d'uma subscripção para compra e collocação d'um relogio, que utilisasse a todos os habitantes da cidade; porque a cathedral está edificada na parte mais alta da povoação.

A idéa foi logo acceita e applaudida, e em pouco tempo subiu a subscripção a quasi 1:500 patacas, ou um conto e quinhentos mil réis. Concorreram com 800 patacas os subditos portuguezes residentes em Cantão; os de Hong-Kong com 223; e os habitantes de Macau com o restante.

É de notar que as subscripções de Cantão perfizeram mais de metade da total importancia de todas ellas; não porque houvesse alli muitos portuguezes, mas sim pela generosidade e bizarria com que n'isto procederam os jovens macaenses, então quasi todos empregados nas casas de commercio inglezas e americanas d'aquella cidade, antes da queima das feitorias e dos successos que levaram ás actuaes hostilidades entre a Grão-Bretanha e a China.

O relogio foi expressamente feito em Inglaterra pelo acreditado fabricante Thwaites & Reed, á vista da planta e perspectiva da torre, obsequiosamente e com muito primor tirada pelo macaense C. A. Osorio, que com C. V. da Rocha, depois mui intelligentemente dirigiu os trabalhos da collocação do mesmo relogio. Foi collocado na torre nos fins do anno passado, e devia bater pela primeira vez horas á meia noite de 31 de dezembro, isto é, no solemne momento de começar o novo anno 1858. O relogio tem gravada a seguinte incripção commemorativa:

R. P. V.
A. D. MDCCCLVII.
P. M. E.

Que se lê:

REGNANTE PETRO V
ANNO DOMINI MDCCCLVII
POPULUS MACAENSIS EREXIT.

A figuras representadas no desenho são typos dos habitantes da cidade. Começando do lado esquerdo do espectador, vê-se um chim vendedor de ceias ou comidas feitas e quentes, que traz em dois cestos, que se separam em repartimentos, pendentes d'uma vara de bambú (a que, para tal modo de carregar, chamam *pinga*), e equilibrados sobre o hombro do conductor.

Em seguida estão duas mulheres chins, do baixo povo, descalças e de pé grande, isto é, não quebrado ou reduzido á fórma de pata de cabra, como é de uso aristocratico na China. Uma d'ellas leva ás costas uma criança, sustida n'uma especie de sacco, á moda do paiz.

Mais adiante vão duas mulheres macaenses, envolvidas nas *saraças*: singular mantilha ou cobertura, sómente usada em Macau. É um grande panno ou coberta quadrilonga, de tecido d'algodão, pintado de ramagens, ou em listas de côres vivas e flammantes, apresentando como barra certos desenhos em bicos, que se podem dizer classicos, porque os deve ter toda a saraça genuina.

Mesmo as mais tafulas macaenses, depois de vestidas, ás vezes ricamente, cobrem-se com a desgraciosa saraça, que lhes envolve a cabeça e o corpo, e lhes esconde o rosto quando ellas querem. Já um velho bispo de Macau declamou n'uma pastoral contra similhante uso, dizendo que as mulheres com saraça pareciam papagaios derrabados; e, quanto a nós, tinha razão o bom do bispo.

Antigamente custavam muito caras as boas saraças, comprando-se ás vezes por quarenta e cincoenta patacas, ou de quarenta a cincoenta mil réis, porque só vinham da India, onde se faziam e pintavam com esmêro, expresamente para Macau. Hoje estampam-nas os americanos do norte, e as vendem por baixo preço. Tambem são usadas saraças de seda preta para ir á egreja em occasiões solemnes, e como vestuario de lucto.

Mais além vêem-se dois *parsas*: especie de judeus, ou de povo sem patria, que vive espalhado por toda a Asia. São oriundos da Persia, e sectarios da antiga religião de Zoroastro, ou adoradores do sol, que seus ascendentes não quizeram renegar quando a Persia foi invadida pelos musulmanos, que obrigaram todos os habitantes a abraçar o mahometismo. Aquelles rigidos sectarios emigraram pelo golpho Persico, e com suas grandes riquezas se estabeleceram na India.

Os parsas são uma bella raça de homens, muito intelligentes, dados exclusivamente ao commercio, e em geral muito opulentos em Bombaim e Calcuttá: os que vivem em Cantão e Macau são de ordinario agentes ou commissionados d'aquelles. Usam de vestuario especial, e é de fórma muito original o chapeo ou cobertura que trazem na cabeça.

Vêem-se por fim na estampa, de que tratâmos, duas liteiras ou cadeirinhas. A maior representa o bispo quando sáe em grande estado, conduzido por quatro *culis* ou criados chinezes e outros dois com grandes umbrellas ou pára-soes, que vão ao lado da liteira. A mais pequena é das que se usam geralmente na cidade, e que servem de vehiculos para todas as pessoas, que os tem proprios ou alugados, á similhança do que se observa em toda a China.

Em Macau não ha carruagens, nem as ruas as comportavam, por serem quasi todas estreitas e ladeadas. Ha, porém, alguns carrinhos para passear nos arredores, cortados hoje por bellas estradas, e onde ha sitios mui pittorescos.

C.

IMPERIO INGLEZ NA INDIA.

IV

Grande numero de pessoas crê que o governo de Londres tira recursos pecuniarios da India. Enganam-se. O thesouro da colonia foi sempre independente do da Inglaterra, e quasi sempre tem padecido deficits, obrigando a Companhia a contrahir emprestimos. A India ingleza tem agora uma divida publica de 200 mil contos de réis, além dos 2:560 contos que annualmente paga pelo interesse dos titulos *India Stock*.

Entretanto a nação britannica colhe grandes vantagens das suas possessões na India. Primeiramente recebe os 2:560 contos, de que acabâmos de fallar, assim como a maior parte do interesse annual da divida, de que bom numero de inscripções pertence a residentes na Europa. Além d'isto os empregados civis e militares fazem annualmente remessas consideraveis, ou como economias, ou para fazer face ás despezas de filhos que tem a educar nos collegios de Inglaterra; e á de muitos d'elles proprios, que estão continuamente a vir com licença á Europa.

Faremos calculo aproximado do tributo annual que a India paga á Grão-Bretanha.

Juro do papel de credito *India Stock*	2.600.000.000
Juro da divida publica........	6.400.000.000
Remessas dos empregados civis e militares........	6.400.000.000
Remessas do governo da Companhia com o fim de pagar pensões a empregados reformados........	3.200.000.000
Pelo material militar que o governo inglez fornece ao exercito da India	3.200.000.000
Capitaes de negociantes e fabricantes de anil, que recolhem á Europa já ricos........	2.400.000.000

O total d'estas addições anda por uns 24.200 contos; mas, além d'esta somma é preciso contar os lucros de todos os fabricantes e negociantes relacionados com a India, em cujo commercio se emprega talvez um milhar de navios.

De dizermos que a India paga annualmente cêrca de 24.200 contos de réis á Grão-Bretanha, não se deve deduzir, que a colonia exporta metaes para a metropoli. As grandes quantidades de opio, de anil, de assucar, de algodão, de seda, e de outros productos naturaes que os estrangeiros tiram da India, fazem que ainda por fim a balança mercantil seja a favor d'aquella rica região, e que seja necessario levar-lhe constantemente em saldo ouro e prata da Europa, America, e China. No decurso de metade do seculo actual seguramente mais de 16.000 contos de réis passaram em navios inglezes da China a Calcuttá e Bombay.

V.

Na India escondem muito thesouros, uso que era mais geral antes da dominação ingleza, porque então eram desconhecidos titulos com vencimento de juros, de divida publica, bancos, ou outras associações commerciaes. Principalmente os principes nunca deixavam de ter thesouro. Conta-se que quando o bisavô do actual rei de Ouda subiu ao throno, achára nos escondrijos do seu palacio a fabulosa somma de 4.000.000 contos de réis, que bastariam a pagar toda a divida da Grão-Bretanha. Pondo-se

a dissipar essa colossal mina de ouro, enriqueceu todas as pessoas que o rodeavam, sem que conseguisse ser feliz. Muitas vezes dizia, derramando lagrimas, a respeito d'um cão que tinha: — Fiz muitas pessoas opulentas; mas ha só este cão que me ama verdadeiramente.»

Conhecemos familiarmente em Benarés um dos principes desthronados, que ahi estava prisioneiro, por ter feito guerra aos inglezes. Esbulhando-o dos seus estados, mas permittindo-lhe trazer comsigo os objectos proprios, achou meio de fazer passar entre elles uma carreta cheia de barras de ouro. Como a pensão que recebia da Companhia lhe não bastava, de tempos a tempos vendia em segredo uma d'essas barras. Uma lhe vimos nós produzir pouco mais ou menos, 2.000.000 réis.

Este habito de accumular thesouros, entre outros males acarretou sobre a India o da irrupção de montanhezes ferozes. Não menos de dezesete vezes invadiram e saquearam os afghans os infelizes habitantes das planicies do Indostão.

E os inglezes serão amados na India? Não; pelo contrario são detestados. Visitámos muitas das suas provincias em 1838 e 1839, e já então nos pareceram um volcão. Como podiamos explicar-nos em persa, que era a lingua da corte de Delhi, e que ainda hoje não ha musulmano de alguma educação que não falle; como mesmo nos faziamos entender um pouco em indostão, fallavamos muitas vezes com os indigenas ácêrca do seu estado politico. Não temiam abrir-nos o coração, porque não eramos inglezes. Quando lhes perguntavamos, se estimariam ver os russos invadir o seu paiz, respondiam: — «Prouvesse a Deus que viessem os russos, ou os afghans, ou mesmo os diabos, que nos livrassem dos inglezes!»

Haverá quinze annos fallámos sem ambiguidade d'este estado de cousas. Pouco depois da nossa viagem á India, publicámos um relatorio official, feito para o ministro dos negocios estrangeiros de Hespanha, sobre o estado das ilhas Filippinas. Carecendo tocar na questão dos negociantes estrangeiros, que lá se vão estabelecer, a cuja admissão o governo hespanhol, por desconfianças politicas, obstou por muito tempo, depois que os inglezes atacaram e tomaram Manilla em 1762; fallámos da Grão-Bretanha, do odio que á sua dominação tinham os indios, e das difficuldades financeiras que em pouco tempo lhe podiam chegar; e, com a imaginação mui exaltada, dissemos mesmo que, segundo nos parecia, antes de muitos annos mais teriamos que lastimar, do que temer a Grão-Bretanha.

VI.

Perguntar-se-ha, porque é que os indios odeiam os inglezes?

Primeiramente, porque todos os povos aborrecem a dominação dos estrangeiros, ainda que fossem anjos. As massas são incapazes de conhecer o que ha de bom no seu jugo; e talvez mesmo tomam os beneficios por males. Os mais cultos corroe-os a ambição, e na dominação estrangeira só vêem que elles proprios nada são. A independencia nacional é o mais natural dos sentimentos do homem. O amor da patria é ainda mais forte entre selvagens, do que entre civilisados.

Os inglezes que passam á India são obrigados a rodear-se de grande numero de criados. Vivem como grandes senhores. Desfructam ordenados enormes, fabulosos, se se comparam ás pequenas sommas que bastam aos indigenas para viver. Depois retiram-se para a Europa, ricos, ou com grandes pensões de reforma, que tudo sáe da India, e faz dizer aos indios, que os inglezes, idos de paiz longinquo, inimigos da sua raça e da sua religião, os vão espoliar á vontade e inteiramente em seu proveito.

Quantos principes desthronados, quantos parentes d'esses principes, quantos homens superiores em relação a seus compatriotas apenas com pequenos empregos, ou mesmo sem elles, não pensam que seriam reis, ministros, governantes, juizes, recebedores; que seriam, n'uma palavra, personagens, quando fosse possivel expulsar os felizes estrangeiros que monopolisam todos os logares lucrativos! Muitas vezes lhes ouvimos dizer: — «Os inglezes são tudo: nós não somos nada.»

Da natureza dos inglezes é olharem com ar desdenhoso todos os outros povos, porque se consideram (e pensâmos que com razão) superiores a todos. Póde pois fazer-se idéa do altivo desprezo com que tratam os indios cobreados, que realmente lhes são tão inferiores, e que mesmo reduzidos á condição de subditos conquistados, se vêem obrigados a lisongear seus senhores. Este desprêzo extende-se até ás pessoas côr de café com leite. Os creoulos da India, que têm no sangue alguma mistura de indio ou portuguez, são chamados pelos inglezes *halfcast*, meia casta, ou casta bastarda, e não são considerados do mesmo modo que os brancos.

Ha ainda alli outra circunstancia aggravante, a divisão das castas. Ao maior respeito pelas altas castas corresponde soberano desprêzo pelas baixas. Ora os europeus (porque comem de tudo) consideram-os da ultima das classes, a dos *metters*, cujo destino, desde que nascem, porque não ha possibilidade de mudar de casta, é o de limpar toda a especie de immundicia.

Os indios não escrupulisam em dizer que nos consideram da casta nos *metters*, o que lhes parece mui exacto e justo, porque não vêem outra em que possam grupar-nos.

Na India ha tambem outra classe aviltada; é a dos dançarinos e dançarinas. Na Asia, em geral, não ha dançarinos senão pagos para divertirem pessoas ricas. Todos os dançarinos, sem excepção, são objectos prostituidos. Um dia vimos n'uma festa em casa de um indigena um theatro de manequins representando um baile inglez. O governador geral das Indias, em grande uniforme, todos os principaes chefes, e suas mulheres, chegavam uns após outros, designados pelos seus nomes, e punham-se a dançar, para divertir os indios assistentes.

Surprehende-nos ver que em Inglaterra se considera a revolução dos cypaes como consequencia de defeito na organisação do exercito. Crêmos que o exercito não estava mal organisado. Os soldados entravam n'elle voluntariamente: nos campos teriam ganho duas rupias (800 réis) por mez, e a Companhia ingleza dá-lhes oito rupias (3.200 réis). De todos os indios os cypaes seriam os que mais perderiam no caso de triumpho completo sobre os inglezes; entretanto são indios, e compenetrados do espirito de seus compatriotas, ouvindo com o beber do leite materno maldizer os dominadores estrangeiros, tendo armas nas mãos, sublevaram-se por fim. Se os paizanos não appareceram primeiro, foi porque lhes faltavam armas, dinheiro, organisação. Ninguem pense que foi por serem indifferentes. Os regimentos de cypaes, n'estas circunstancias, representam a nação.

(Continúa).

O AVARO.

Preciso é convencer-nos de que não ha *museu* mais curioso, collecção mais variada, nem bibliotheca mais completa, do que a propria natureza.

Provemol-o.

Houve quem dissesse que os homens prezam a mentira a ponto de não poderem viver sem ella. Suppondo que não nos enganâmos, o auctor primi-

tivo d'este lucido theorema foi, por força, o magno e infeliz Adão. Até deviam ser aquellas as suas primeiras palavras no momento em que acabava de converter a vida n'uma triste verdade.

Ora, parece ser do irreparavel peccado do nosso pae commum, que data essa continua e mal calculada indifferença a que o homem votou o vasto campo, sempre tão viçoso, sempre tão colorido, sempre tão manifesto, da realidade, para se ennovellar nos vapores hybridos, errantes, fugitivos, e dissipaveis da illusão. A macula varreu-lhe do cerebro e dos sentidos a faculdade de se impressionar pelo mundo cheiravel, palpavel e visivel; e, se n'este derradeiro inventario apenas escapou da faltal eliminação o mundo saboreavel, é porque carecia essencialmente d'elle para viver. A natureza affigurou-se-lhe muito mais apreciavel depois de morta, e é n'este estado que a sciencia humana a preferiu, desde então, para estudal-a e copial-a!

Desastroso peccado! Pobrissimo raciocinio! Irrisoria sciencia!

Pois siga a sciencia o seu rumo, que nós cá seguimos o nosso.

Achâmos muito mais rica, muito mais variada, muito mais completa, muito mais perfeita, muito mais significativa, uma bibliotheca de vivos, do que uma bibliotheca de mortos; um *museu* de natureza buliçosa e palpitante, do que um museu de natureza empalhada e hermeticamente rolhada n'um frasco.

No mais curto passeio que dêmos, na mais simples e abbreviada conversa que tenhamos com qualquer pessoa, no contrato de relações que façamos com um novo individuo, em duas familias de classe e educação diversas que visitemos, encontrâmos muito maior numero de phenomenos, do que indo á *historia natural*; estudâmos com muita mais vantagem, apreciâmos com muita mais lucidez, concluimos com muita mais precisão, descobrimos com muita mais facilidade, com muita mais certeza e verdade, do que dando balanço ás bibliothecas de papel, ou ouvindo assidua e attenciosamente as prelecções encyclopedicas dos nossos institutos e cathedraticas escholas.



Typos. — O Avaro. — Composição e desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho Junior.

Para nós, é nas habitações, nas ruas, nos passeios, nas praças publicas... em toda a parte, em fim, onde apparece e se move gente, que o *museu* vive com todo o esplendor do seu colorido. E ahi, onde se vê, onde se sentem, além dos phenomenos physicos, todos os phenomenos do espirito que um museu artificial não póde empalhar nem metter dentro d'um frasco.

Colecciona o museu artificial as materialidades excentricas (consagremos o termo d'este artigo), as materialidades disformes, os desvios e aberrações das fórmas regulares, das fórmas communs, e geraes que constituem plasticamente o typo perfeito. Mas os espiritos excentricos, os espiritos disformes, os desvios, as aberrações do bom senso que constitue a alma exemplar, esses estão fóra de todo o alcance do seu engenhoso artificio. Não ha mão que os apanhe, escalpelo que os prepare, agulha que os cosa, rolha que os prenda, nem alcool que os conserve. Tenta-se, ha muito, a idéa de engaiolar esta notavel e irascivel cathegoria de phenomenos inmaleaveis no museu-livro. Debalde, porém, se prepara e monta o risco. Gemido tem muito prélo, e, á similhança da montanha que Lafontaine ouviu berrar desesperadamente, dado á luz infinitos ratinhos. Absolvam-se, não obstante, os bons desejos. A culpa não é da vontade, é da insufficiencia dos meios. O livro descreve, não pinta; e quando pintasse, imitava, não reproduzia, na significação rigorosa e radical da palavra. A escripta aparenta-se n'este empenho com o agiota, cujo papel representa fielmente. O typo moral que lhe cae na pista paga cincoenta por cento, e fica desmembrado, figuradamente fallando. E que entre o original e a imitação medêa a mesma distancia que ha entre a faculdade de comprehender e a faculdade de expressar. A linguagem labuta, vacilla, estontêa em vão no apuramento dos termos e arranjo da phrase que devem exprimir e unir-se á imagem que está reflectindo no espirito. O leitor deixa-se ficar onde estava, e quando se move para se ligar ao interesse do original, é porque conhece este de perto. Eis-aqui, pouco mais ou menos, a razão porque os escriptos que versam sobre typos contemporaneos agradam sempre. Ainda assim, a descripção, n'este caso, desempenha apenas as funcções de *cicerone*. Aponta. E o grito d'alarme. O odio, a compaixão, o ridiculo, ou o desprezo que o leitor alimentava já pelo original, associando-se com a imaginação, desenham-lhe o typo em toda a interga das suas fórmas, movimento e expressão. Parece-lhe, então, que o está vendo....

(Continúa). NOGUEIRA DA SILVA.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, rua da Boa-Vista, 4 P.